

QUANDO OS MILAGRES DE JESUS TORNAM-SE INÚTEIS...



“Tendo Jesus chegado às regiões de Cesaréia de Felipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: **Quem dizem os homens ser o Filho do homem?** Responderam eles: Uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou algum dos profetas.” (Mateus 16:13-14)

A pergunta acima, feita pelo Senhor Jesus a respeito dele, é um questionamento muito pertinente e intrigante. Isso porque ela está intrinsecamente ligada a um contexto histórico maravilhoso. Mas a resposta que os seus discípulos deram a

essa pergunta, também revela que algo muito decepcionante e desanimador estava ocorrendo: os milagres de Jesus tinham se mostrado inúteis.

Para que o(a) leitor(a) entenda o assunto sobre o qual me refiro, vamos nos lembrar de uma profecia, proferida pelo profeta Isaías, há aproximadamente 700 anos antes do nascimento de Jesus:

“*O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para **pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes.***” (Isaías 61:1-2)

O texto bíblico acima faz uma referência às obras que serviriam para caracterizar e identificar a pessoa do Messias, do hebraico מָשִׁיחַ (*māshîah*). Seria através delas, que os judeus teriam como comprovar se estavam realmente diante do libertador de Israel.

Muitos séculos depois, durante uma reunião de sábado em uma sinagoga de Nazaré, um carpinteiro daquela cidadezinha tem a oportunidade de ministrar a Palavra. E o episódio transcorre da seguinte forma:

“*Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; e abrindo-o, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porquanto me ungiu para **anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e para proclamar o ano aceitável do Senhor.** E fechando o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta escritura aos vossos ouvidos.*” (Lucas 4:17-21)

Esse carpinteiro chamava-se Jesus, conhecido simplesmente na região como sendo o “filho de José”. Mas ao afirmar que naquele dia a profecia de Isaías havia se cumprido, Jesus estava, de forma indireta, porém clara, afirmando ser ele o מָשִׁיחַ (*māshîah*).

Desde então, Jesus passou a realizar as obras que o caracterizaria diante do povo de Israel como sendo o מָשִׁיחַ (*māshîah*) profetizado anteriormente por Isaías.

Durante o seu ministério aqui na terra, Jesus anunciou as boas novas aos pobres (cf. Marcos 1:14-15; Lucas 3:18; 7:22), proclamou libertação aos cativos (cf. Marcos 5:1-15; 9:17-27; João 8:32,36), restaurou a vista aos cegos (cf. Mateus 21:14; Marcos 8:22-25; Marcos 10:46-52; João 9:6-7), pôs em liberdade os oprimidos (cf. Mateus 11:28; Lucas 7:50; João 8:10-11) e proclamou o ano aceitável do Senhor (cf. Mateus 4:17; Marcos 1:14-15).

Quando o seu precursor, João Batista, duvidou por um momento da identidade messiânica de Jesus, o próprio Messias, ratificou quem ele era, realizando as obras (descritas no livro do profeta Isaías) referentes ao מָשִׁיחַ (*māshîah*):

“E João, chamando a dois deles, enviou-os ao Senhor para perguntar-lhe: És tu aquele que havia de vir, ou havemos de esperar outro? Quando aqueles homens chegaram junto dele, disseram: João, o Batista, enviou-nos a perguntar-te: És tu aquele que havia de vir, ou havemos de esperar outro? Naquela mesma hora, curou a muitos de doenças, de moléstias e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos. Então lhes respondeu: Ide, e contai a João o que tens visto e ouvido: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o Evangelho.” (Lucas 7:19-22)

E mesmo diante da perplexidade dos judeus diante dos milagres que realizava, Jesus fazia questão de enfatizar que as suas obras denunciavam quem ele realmente era. Não havia a necessidade dele, advogando em causa própria, afirmar que as pessoas estavam diante do מָשִׁיחַ (*māshîah*) predito por Isaías:

*“... Porque as obras que o Pai me deu para realizar, as mesmas obras que faço dão testemunho de mim que o Pai me enviou... Rodearam-no, pois, os judeus e lhe perguntavam: Até quando nos deixarás perplexos? Se tu és o Cristo [no hebraico, מָשִׁיחַ (*māshîah*)], dize-no-lo abertamente. Respondeu-lhes Jesus: Já vo-lo disse, e não credes. As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas dão testemunho de mim.”* (João 5:36; 10:24-25)

Então chegamos ao texto bíblico citado no início dessa reflexão. Depois de operar na prática, milagres que só o מָשִׁיחַ (*māshîah* = ungido) de Deus poderia realizar, Jesus pergunta aos seus discípulos o que as pessoas que presenciaram tais milagres estavam comentando a seu respeito (cf. Mateus 13). Jesus queria saber o que esses milagres, na inconsciência da multidão que havia vivenciado tais prodígios,

tinham revelado a seu respeito. Ele queria saber o que as pessoas estavam percebendo através dos seus milagres. A resposta certa (e óbvia) deveria ser:

“Eles dizem que, por causa das obras que tu tens realizado, sendo elas as mesmas que o profeta Isaías havia predito, o Senhor só pode ser o מָשִׁיחַ (māshîah) – ou na forma grega χριστός (christós = ungido) – enviado por Deus.”

Mas não foi isso o que ocorreu. Quando consultamos o texto bíblico, descobrimos que a resposta dos discípulos foi:

“... Uns dizem que é João, o Batista; outros, Elias; outros, Jeremias, ou algum dos profetas.” (Mateus 16:14)

Jesus já havia andado sobre as ondas, já havia acalmado o mar e a tempestade, já havia curado enfermos e ressuscitado mortos mas, mesmos depois de Jesus efetuar diversas curas e feitos extraordinários, as pessoas não entenderam o real propósito de sua vinda ao mundo. Os milagres não conseguiram mostrar para o povo quem Jesus realmente era. Os milagres não fizeram com que o povo entendesse quem era o Messias e qual a missão deste.

Os judeus não o correlacionaram Jesus com a figura do מָשִׁיחַ (māshîah). Os milagres de Jesus haviam se tornado... Inúteis! Até quando Pedro, um dos discípulos mais íntimos de Jesus, declara que o seu Mestre, era na verdade o χριστός (christós = ungido), o Filho do Deus vivo (cf. Mateus 16:16), essa constatação não foi feita de forma empírica¹, mas, sim, revelada a ele pelo Espírito de Deus:

“Disse-lhe Jesus: Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus.” (Mateus 16:17)

Quando os milagres de Jesus são inúteis?

- a) Quando eles apesar de causarem espanto, admiração e perplexidade nas pessoas, não produz uma introspecção por parte delas, e nem as leva a refletir sobre qual é o real propósito do milagre e para onde ele aponta. Quando isso ocorre, o milagre deixa de ser milagre, e passa a ser um espetáculo circense onde o objeto primordial é entreter e satisfazer a platéia.
- b) Quando aquilo que é realizado do lado de fora de quem somos, não muda o que somos do lado de dentro. É quando a mudança exterior (no corpo), não altera a nossa essência interior (na alma). Vemos um exemplo dessa natureza no episódio da cura dos dez leprosos (cf. Lucas 17:12-19). Dez leprosos foram curados (mudança no corpo), mas só um retornou para agradecer (mudança no coração); por isso, além da cura, ele ganhou também a salvação (cf. Lucas 17:19).

¹ **Empirismo.** Doutrina segundo a qual todo conhecimento provém unicamente da experiência, limitando-se ao que pode ser captado do mundo externo, pelos sentidos, ou do mundo subjetivo, pela introspecção, sendo geralmente descartadas as verdades reveladas e transcendentais do misticismo, ou apriorísticas e inatas do racionalismo. (Dicionário Houaiss)

Repare que as palavras de Jesus são: “*Levanta-te, e vai; a tua fé te **salvou***”, e não “*Levanta-te, e vai; a tua fé te **curou***”. A palavra grega utilizada no texto para “salvou” é *σέσωκέν* (*sesokén*), cuja raiz do verbo é *σώζω* (*sózo*) e significa “*resgatar do perigo ou destruição*”, “*livrar das penalidades do julgamento messiânico*”. O significado das palavras de Jesus seria bem diferente se, em vez da palavra *σέσωκέν* (*sesokén*), ele tivesse utilizado a palavra “curou”, do grego *ιάσατο* (*íasato*), cuja raiz do verbo é *ιάομαι* (*íomai*) e significa “sarar”, “tornar perfeito” (cf. Lucas 22:51).

Os dez leprosos foram **curados**, mas só um foi **salvo**. O destino dos demais não foi alterado. Eles estavam indo para o inferno leprosos; agora, estavam indo para o inferno sãos. Para apenas um, o milagre de Jesus não se tornou inútil.

Milagre não é o que Jesus tem de mais importante para realizar em nossa vida. Nem sempre os milagres cumprem o propósito para o qual ele existe: levar o ser humano a reconhecer em sua vida não apenas o milagre em si, mas, sim, o Autor dos milagres.

Portanto, quando recebemos um milagre (ainda que ele tenha sido operado por Deus) que muda apenas o nosso exterior, mas não transforma o nosso coração e não nos leva para mais próximo do Pai, esse milagre torna-se inútil em nossa vida.

Quando buscamos o milagre, em detrimento daquele que o realiza, nos esquecemos das palavras do apóstolo Paulo, à Igreja em Corinto, quando escreveu: “*Se é só para esta vida que esperamos em Cristo, somos de todos os homens os mais dignos de lástima.*” (1Coríntios 15:19).

Ainda assim, muita gente vive atrás de milagres...